



Universidade de Brasília

Da resistência ao avanço

uma discussão sobre o papel político e as possibilidades do design no
combate ao fascismo através do ciberativismo no Brasil.

PEDRO HENRIQUE ELIAS GUIMARÃES

**BRASÍLIA
2022**

PEDRO HENRIQUE ELIAS GUIMARÃES

Da resistência ao avanço

uma discussão sobre o papel político e as possibilidades do design no
combate ao fascismo através do ciberativismo no Brasil.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para
Bacharelado em Design, na habilitação de
Programação Visual, do Departamento de Design da
Universidade de Brasília (DIN/UnB).
Orientadora: Daniela Favaro Garrossini

BRASÍLIA
2022

“Não te rendas, por favor, não cedas:
mesmo que o frio queime,
mesmo que o medo morda,
mesmo que o sol se ponha e se cale o vento,
ainda há fogo na tua alma,
ainda existe vida nos teus sonhos.
Porque cada dia é um novo início,
porque esta é a hora e o melhor momento.
Porque não estás só, porque eu te amo.”

Mario Benedetti

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	8
1. O PAPEL DO DESIGNER NO CIBERESPAÇO: UMA OCUPAÇÃO POLÍTICA	10
2. O FASCISMO E A FASCISTIZAÇÃO DO ESPAÇO	13
3. COMO A FASCISTIZAÇÃO DO ESPAÇO SE FAZ POSSÍVEL PARA ALÉM DA DISPUTA DO SIMBÓLICO: O EXEMPLO DOS THINK TANKS E DO MBL	20
4. O MOVIMENTO DESIGN ATIVISTA – DA RESISTÊNCIA AO AVANÇO	23
Quadro 01 - comparação com base nas obras do perfil @milqf	25
Quadro 02 - comparação com base nas obras do perfil @marianacorteze	26
Quadro 03 - comparação com base nas obras do perfil @peveazevedo	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

RESUMO

O advento do ciberespaço e das redes sociais não só propiciou como tem trazido cada vez mais debates sobre as possibilidades de aplicações técnicas do Design. Entretanto, ainda é preciso em muito ampliar as discussões a respeito do cunho político de seu ofício nesse ambiente, principalmente no que se refere ao ciberativismo no Brasil. Tendo esses ambientes como sua principal fonte de informação, os brasileiros, embora não exclusivamente, têm de lidar com as mistificações e as fantasmagorias difusas da simulação do real, estando refém de um processo de fascistização potencializado pela própria forma como operam os algoritmos. A partir de revisão bibliográfica e da análise de produções visuais destinadas ao ciberativismo, tanto do Movimento Design Ativista - progressista - quanto do Movimento Brasil Livre – extrema-direita -, o objetivo deste trabalho é de trazer à baila uma discussão sobre o papel e as potencialidades do Design de capturar e materializar afetos políticos no espaço virtual (Ciberespaço) através do Ciberativismo no Brasil. Seguindo uma base materialista, os resultados da pesquisa indicam que a eficácia da representação simbólica dos conteúdos de extrema-direita se devem também a pesados financiamentos do empresariado nacional e internacional. Além disso, conclui que a produção de cunho progressista tem disputado o espaço de diferentes formas, passando desde um papel de resistência até da tradução de afetos potentes para o avanço de suas pautas.

Palavras-chave: Ciberespaço, Ciberativismo, Design, Fascismo.

ABSTRACT

The advent of cyberspace and social networks has not only facilitated but has brought more and more debates about the possibilities of technical design solutions. However, it is still necessary to broaden the discussions about the political nature of it's professional's work in this environment, especially in terms of cyberactivism in Brazil. As social network has become their main source of information, Brazilians, although not exclusively, have to deal with the mystifications and diffuse phantasmagorias of the simulations of the real, becoming victims of a fascistization process potentiated by the very way in which algorithms operate. Based on bibliographical review and analysis of visual productions aimed at cyberactivism, both from Movimento Design Activist - progressive - and Movimento Brasil Livre – far-right -, this work's objective is to bring up a discussion about the role and potentialities of Design in capturing and materializing political affections in virtual space (Cyberspace) through Cyberactivism in Brazil. Following a materialist basis, the research results indicate that the effectiveness of the symbolic representation of far-right content is also due to heavy funding from national and international entrepreneurs. In addition, concludes that the production of progressive allies has disputed the space in different ways, ranging from a role of resistance to the translation of powerful affections for the advancement of its guidelines.

Keywords: Cyberspace, Cyberactivism, Design, Fascism.

INTRODUÇÃO

Nas vésperas da entrega deste trabalho, me pego na incapacidade momentânea de escrever uma introdução que considere digna o suficiente para a peça que vai encerrar minha trajetória acadêmica na graduação em Design da Universidade de Brasília. Tomado pelo cansaço de algumas noites mal dormidas, entre crises e angústias, penso em ceder por alguns minutos, os quais meu corpo anseia pra transformar em horas. Apenas um cochilo. Mas me decido e não cedo.

A esta altura, você, que está lendo meu trabalho, muito provavelmente está se perguntando o porque desta abordagem. Confesso estar perdido o suficiente para não saber responder, mas sinto que também têm sido assim para outras questões que tenho comigo há algum tempo: Porque, de uns tempos pra cá, a produção de um simples parágrafo pode demorar um *spam* de tempo de 5 até 30 minutos, ou mesmo uma hora inteira? Quando foi a última vez que me percebi dormindo sem pensar no absurdo de ontem e já esperando pelo absurdo de amanhã? Quanto tempo faz que não consigo doar a forma mais pura de generosidade, também conhecida como atenção? Num impulso ativado quase que como um botão de emergência, me retiro e me debruço pela enésima vez sobre o poema que escolhi como epígrafe desse trabalho. Finalmente, encontro um gancho. Declaro: o cansaço, o medo e o ódio se tornaram os principais afetos políticos do nosso tempo – medo e cansaço para os trabalhadores e ódio do lado dos inimigos de classe.

Esses afetos de medo e cansaço que sentimos constantemente estão, na verdade, muito ligados com um tópico importante deste trabalho. Como sintoma da aceleração constante do espaço virtual a qual somos expostos, a configuração ultraliberal da nossa sociabilidade nos mostra que, hoje, as principais fontes de notícia e informação dos brasileiros são as redes sociais (Agência Brasil, 2019)¹ Já sabendo usá-las para seus fins privados, a extrema-direita, com sua máquina de ódio e absurdo funcionando a todo vapor, tem rotineiramente conquistado um feito extremamente simbólico: o de vencer-nos e de nos dessensibilizar pela exaustão.

¹ Disponível em

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa?amp>> Acesso em 30/12/2022.

Como alguém que trabalha na mediação desses espaços, seja para o bem comum ou para um ideário fascistizado, o designer, também enquanto agente político de importância, tem estado suscetível a esses processos. Esse trabalho, sendo assim, nasce de uma inquietação de tentar entender como e por que meios o discurso liberal-fascista tem ganho tanto espaço nas redes sociais.

Para tanto, reitero que a presente monografia trata do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o curso de Bacharel em Design, na habilitação de Programação Visual, do Departamento de Design da Universidade de Brasília (DIN/UnB). Orientado pela Professora Dr^a. Daniela Favaro Garrossini, na linha de Tecnopolítica, este trabalho procurou trazer à baila uma discussão sobre as capacidades e potencialidades do Design de capturar e materializar afetos políticos no espaço virtual (Ciberespaço) através do Ciberativismo no Brasil, com foco nos anos de 2020 e 2022, como segue no delineamento a seguir:

- Objetivo Geral: Investigar e discutir o papel político e as possibilidades do design quando se trata do combate ao fascismo através do ciberativismo no Brasil, tendo como base as obras do Movimento Design Ativista, muito proeminente no Instagram, nos anos de 2020 e de 2022.
- Objetivo Específico 1: Contextualizar o que é o Movimento Design Ativista, partindo do entendimento do que é o espaço virtual, o fascismo e o papel sobretudo político do designer no combate a este último que se expande e se manifesta no ciberespaço.
- Objetivo Específico 2: Diante da contextualização, apontar o que vem sendo produzido pela extrema-direita no campo do ciberativismo, elencando também exemplos de questões materiais que tornam sua operação do simbólico possível;
- Objetivo Específico 3: Selecionar e analisar como designer, o impacto simbólico empregado nas obras produzidas dentro do Movimento Design Ativista, utilizando como base o relatório do Projeto Ciberativismo,

Ciudadanía Digital y Nuevos Movimientos Urbanos – CITYCOM, contrapondo produções de atores relevantes da extrema-direita.

1. O PAPEL DO DESIGNER NO CIBERESPAÇO: UMA OCUPAÇÃO POLÍTICA

É pertinente dizer que a inauguração do espaço virtual como um lugar possível não alterou exatamente o caráter de mediação inerente ao ofício do designer. Na verdade, o que muito se alterou foi que, se antes o designer estava limitado a classificação e transformação de um mundo material que o precede, o ciberespaço agora introduz uma nova possibilidade de mediação: a capacidade de projetar uma forma de interação que nasce da ideia e do imaginário e se realiza em um “não-lugar”, onde a forma se realiza pelos códigos, pelo imaterial, a partir, do que Flusser (2013, p.39) chama de “cultura materializadora”.

Porém, se por um lado a imaterialidade do processamento virtual traz uma nova gama de possibilidades de atuação, é preciso questionar e revelar um ponto de muito incômodo que se estende para o ciberespaço e que não é novo dentro da produção em Design, do que se encaixaria dentro do que Bonsiepe elenca como “uma surpreendente ausência de questionamentos sobre a atividade projetual” (BONSIEPE, 2011, p. 17) - e, devo acrescentar, do caráter político que envolve o ofício do designer. Como colocado pelo autor:

“O design se distanciou cada vez mais da ideia de <solução inteligente de problemas> e se aproximou do efêmero, da moda, do obsoletismo rápido – a essência da moda é a obsolescência rápida –, do jogo estético-formal, da glamourização do mundo dos objetos. Frequentemente, hoje em dia, design é associado a objetos caros, pouco práticos, divertidos, com formas rebuscadas e gamas cromáticas chamativas. [...]O design se transformou em evento midiático, em espetáculo – acompanhado por um número respeitável de revistas que funcionam como caixas de ressonância para esse fim. (BONSIEPE, 2011)”

O apagamento dos processos - e a glamourização dos produtos do trabalho na forma social mercadoria - é comum à sociabilidade capitalista, sendo bem definido pelo conceito marxiano de Fetice. A partir da ideia do fetice como um feitiço - ou mistificação -, Marx discute uma dualidade da forma social mercadoria: a forma com a qual elas se apresentam e o processo no qual elas se tornam mercadorias, que concede valor a elas, e a relação que elas estabelecem no mercado (MARX apud.

GRESPLAN, 2021). Esse fenômeno trata de uma manobra ideológica e extremamente simbólica e eficaz que se pretende dar cabo da expansão contínua do capital, tão necessária ao capitalismo. Através dela, a relação entre mercadorias se pleiteia enquanto geradora de valor, apagando o fato de que é a relação e mediação entre pessoas que o cria.

Dessa forma, o Ciberespaço, sendo uma invenção e, portanto, uma área de estudo como fenômeno no Design (BOMFIM, 1997, p.27-41 apud PORTINARI e CAETANO, 2016, p.41) também pode ser entendido como um espaço que, através da representação e re-apresentação da realidade e da possibilidade de interação com o imaterial, herda as contradições do fetichismo que rege a sociabilidade capitalista. Se no mundo material a mistificação opera na glamourização das mercadorias, conferindo-lhes alma própria, no espaço virtual e nas redes sociais o fetiche também o faz, mas através de uma abstração de um produto já abstrato, definindo-os como "(...) uma alucinação experimentada cotidianamente por bilhões de mentes em todo lugar por uma representação gráfica de dados extraídos do banco de dados de todos os computadores do sistema humano. Linhas de luz organizadas no espaço da mente, clusters e constelações de dados."(GIBSON, 1989, apud BERARDI, 2019, p.102).

Essa constatação significa dizer que o meio virtual e suas possibilidades não são inevitavelmente bons ou ruins pela sua forma - como todo produto do trabalho e da relação humana. Sua ocupação e operacionalização estão, antes de tudo, em disputa constante, tendo o potencial de assumir um compromisso real, seja com o coletivo e a individualidade, pautando os direitos humanos, seja com a propriedade privada, pautando o individualismo e o interesse privado, a exploração de poucos sobre muitos. Assim, o designer se apresenta como aquele que elabora a vivência desse espaço, projetando as experiências, as aparências, as formas de engajamento e repercussão das ideias, as interfaces interativas, a monetização. Sendo o mediador, seu trabalho tem um papel político indissociável que precisa ser assumido.

A questão é que esses espaços projetados foram especializados para se tornarem meios de produção da vida comum. Os servidores, os bancos de dados e toda lógica

de operação e monetização são propriedade privada de grandes e seletos conglomerados burgueses de tecnologia da informação, as Big Techs, obedecendo interesses de classe que são invariavelmente antagônicos à classe trabalhadora e ao bem público.

Através da coleta, armazenamento e processamento de dados e interações dos usuários, como conversas, comentários, histórico de pesquisa, compartilhamentos, gostos e tempo de acesso, os algoritmos e mecanismos de busca e resposta projetam *feeds* infinitos de informação com base em perfis de usuários definidos com cada vez mais velocidade e precisão. Esse processo de aceleração constante é extremamente problemático, visto que, como já destacado por Morozov (2018, p.131), aceitar, recusar ou realizar escolhas conscientes se torna difícil, se não impossível, a medida que a velocidade e a complexidade das informações avançam de forma constante e com o auxílio da propaganda. Esse fator somado a um desenvolvimento tecnológico que não promove necessariamente melhorias das condições da classe trabalhadora propicia uma realidade onde as possibilidades de leitura estão cerceadas ao momento, ao aqui e agora. Dessensibilizado, o indivíduo se torna incapaz de julgar as informações que a ele chegam, estando sujeito a fantasmagorias difusas que compõem o pensamento hegemônico.

Desse modo, a forma como o algoritmo opera revela ainda uma outra mistificação: a ideia de que trabalha para conectar as pessoas umas com as outras, mas que, na verdade, as conecta com ideias, não para serem construídas e debatidas coletivamente, mas sim consumidas como mercadorias. Em última análise, visto que os avanços tecnológicos têm se acelerado num ritmo maior do que a capacidade dos usuários de se organizar para pleitear formas de regular as redes, é pertinente afirmar que o espaço virtual e as redes sociais têm sido operacionalizados para servir como parte do pacote de medidas de contra ofensiva burguesa, característico do avanço do neoliberalismo enquanto doutrina dominante da economia política (HARVEY, 2014, p. 39-44)

Uma vez que, no meio virtual, a informação se traduz em linguagem para nós, é pertinente concordar com posição de Barthes (2004, apud PORTINARI e CAETANO, 2016), que estamos suscetíveis aos seus fascismos, suas

fantasmagorias, e vulneráveis às suas distorções. Como vimos anteriormente, levantamentos recentes apontam que algumas das principais fontes de informação dos brasileiros se concentram nas redes sociais. Dentre as destacadas, o YouTube - que ocupa o terceiro lugar - foi objeto de estudo do jornal *The New York Times*² em uma matéria publicada em 2018 (How YouTube Radicalized Brazil, acesso em 01/02/23), que apontava como era possível perceber que o Brasil estava se deslocando para a extrema direita através da plataforma. Apesar de não ser objeto deste estudo, este é um importante exemplo para constataremos que produtos muito comuns ao trabalho dos designers foram instrumentalizados para a criação de um ecossistema de ódio, ocupando o ciberespaço com um ideário fascista e fascistizante. No próximo capítulo, veremos, porém, que esse processo não se deu ao acaso.

O designer, nesse sentido, é capaz de trabalhar tanto a favor quanto em oposição a esse movimento. Por mais que o exposto até agora indique um cenário de morte e que parte das distopias tecnológicas pareçam já ocorrer em nosso tempo, é preciso lembrar que a construção da realidade se dá por processos históricos, onde tudo está em disputa. No ciberespaço, sua imaterialidade nos permite, a partir do imaginário, pensar e projetar outros futuros possíveis. Só serão possíveis, porém, se disputados pautando as necessidades do agora, tanto na materialidade quanto no simbólico - este último sendo o foco desta pesquisa. Para compreender como o Design pode contribuir para isso, é preciso primeiro entender o que é o fascismo, como ele opera no espaço virtual e o que tem sido produzido até aqui.

2. O FASCISMO E A FASCISTIZAÇÃO DO ESPAÇO

Não só é possível como é comum - e sintomático - sentir-se perdido teoricamente na tentativa de descrever o que é o fascismo ou o que caracteriza um fenômeno fascista. Parte disso ocorre porque sua definição, na verdade, não é uma discussão encerrada nem mesmo dentro do debate acadêmico mais qualificado. Dito isso,

² Disponível em

<<https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html>>, Acesso em 01/02/2023

antes de elencar a descrição que pretendo usar, é preciso fazer considerações prévias a respeito do objeto o qual esse termo trata.

Existe hoje uma confusão muito explorada pelas direitas - desde os liberais até a extrema - a respeito da palavra fascismo: a capacidade que o termo tem de elencar dois significados diferentes. O fenômeno histórico, onde se faz uma referência direta aos elementos e formas de operar do Partido Nacional Fascista da Itália, fundado em 1921 (KERTZER, 2017), e o fenômeno político ideológico fascista, o qual é o conceito almejado por este trabalho. Dentro da literatura marxista, este fenômeno político é, antes de tudo, um movimento para preservação do capitalismo (KONDER, 1977).

O filósofo marxista brasileiro Leandro Konder, em seu livro *Introdução ao Fascismo* (1977), traz a tona a discussão de como o fascismo, em tempos de acirramento da crise cíclica do capital (MARX, 1867), captura a vontade de ruptura da classe trabalhadora, produzindo uma radicalização não à esquerda, mas sim à direita do espectro político. O objetivo é, apesar desse “verniz” de radicalização, prevenir revoluções e mudanças mais profundas na base, jogando a culpa da pauperização da vida do trabalhador em elementos da superestrutura com as quais aquela sociedade tem questões históricas e morais a lidar. De repente, com um auxílio da mídia burguesa e diante da incapacidade da social-democracia de lidar com esse movimento, os problemas da vida material do trabalhador não está nas péssimas condições de trabalho, na exploração e extração de mais-valia, no avanço do interesse da burguesia e, em suma, no capitalismo. O problema é direcionado para um inimigo visível: o judeu bolchevique interacional, no caso do nazi-fascismo alemão, os comunistas, no fascismo italiano, e no caso do bolsonarismo, para além do discurso anticomunista, temos a população LGBTQIA+, a população preta, os indígenas e as feministas (ROCHA, 2021).

Sendo bem contextualizada, a discussão que Konder traz a baila não tem uma perspectiva exatamente “nova”. A primeira vez que o termo fascismo é abordado como um “freio de mão” do capitalismo pode ser evidenciada nas plenárias da internacional comunista (Komintern). Georgi Dimitrov, na décima terceira plenária sobre o fascismo, elaborou junto a Komintern uma definição extremamente precisa

sobre o fascismo e o que o fenômeno indica nas políticas interna e externa das nações às quais ele assola. Como evidenciado por Degras (2013, p. 296):

Fascismo é a ditadura terrorista aberta dos *elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro*. O fascismo tenta assegurar uma base maciça para o capital monopolista entre a pequena-burguesia, atraindo o campesinato, os artesãos, funcionários de escritório e servidores civis que foram retirados do seu curso normal de vida, e particularmente aos elementos marginais nas grandes cidades, também tentando penetrar na classe trabalhadora.

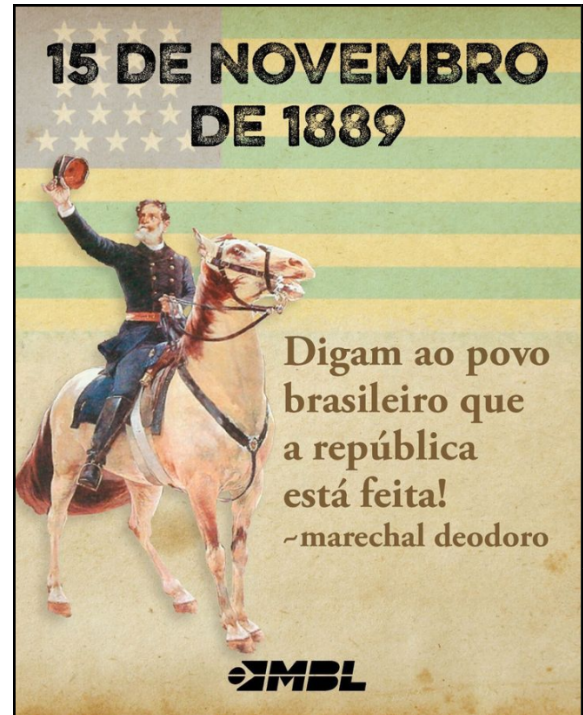
O crescimento do fascismo e a sua tomada de poder na Alemanha e em diversos outros países significa:

- A. Que a *crise revolucionária* e a indignação das massas contra o domínio do capital está *crecendo*;
- B. Que os capitalistas não conseguem mais manter a sua ditadura através dos velhos métodos de parlamentarismo e da democracia burguesa em geral;
- C. Que, além disso, os métodos do parlamentarismo e da democracia burguesa em geral estão se tornando um obstáculo aos capitalistas tanto na política nacional (a luta contra o proletariado) quanto na política externa (guerra pela partilha imperialista do mundo);
- D. Que tendo isso em vista, o capital é compelido a passar para uma ditadura terrorista aberta dentro do país e ao chauvinismo irrestrito na política externa, o que representa uma preparação direta para guerras imperialistas.

Nascido no útero da democracia burguesa, o *fascismo nos olhos dos capitalistas é uma forma de salvar o capitalismo do colapso*. Ele apenas serve para enganar e desarmar os trabalhadores que a social-democracia nega a fascistização da democracia burguesa e delinea um contraste de princípio entre países democráticos e países de ditadura fascista. Por outro lado, a ditadura fascista não é um estágio inevitável da ditadura da burguesia em todos os países. A possibilidade de evitá-lo depende das forças de luta do proletariado, que estão paralisadas pela influência desintegradora da social-democracia mais que qualquer outra coisa. (DEGRAS, 2013, p.296, tradução nossa).

Em suma, levando em consideração o que foi exposto, é possível definir o fascismo como (1) um fenômeno político ideológico; (2) invariavelmente de massas; (3) chauvinista; (4) conservador; (5) acionado sempre que possível, ou para defender ou para agudizar o capitalismo, apontando raízes falsas para os problemas materiais. Todos os diferentes fascismos emanam dessas características de alguma forma, mas tendo diferenças expressivas entre si por conta da sua plasticidade. Ele se adapta às massas e contradições locais. Enquanto na Alemanha hitlerista o chauvinismo se expressava pela tese da superioridade da raça ariana alemã, os traços chauvinistas do bolsonarismo assumem uma forma mais peculiar por conta da posição assumida pelo Brasil mediante seu capitalismo dependente: negam-se as experiências do socialismo real, os irmãos latinos e elementos populares da identidade/história nacional e abraça-se o centro do capitalismo - a Europa e, principalmente, os Estados Unidos. E dentro dessa perspectiva, o designer é um

produtor dessa mensagem, como é possível observar nas peças e publicações a seguir:



Fonte: @mblivre, acessado em 6 de fev de 2023

As imagens acima tratam de exemplos de publicações realizadas nos perfis de Instagram e Facebook do Movimento Brasil Livre (MBL). Derivado das Jornadas de Junho de 2013, a organização teve papel crucial na história recente do país, sendo um dos principais grupos a mobilizar protestos em favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, através do ativismo nas redes sociais. Desde então, o MBL têm conseguido cada vez mais inserção na política brasileira: apesar de não configurar um partido político por si só, suas principais lideranças se aliaram a partidos ultraliberais e conservadores e conquistaram diversos cargos públicos nas eleições recentes. São eles: Kim Kataguiri, deputado federal de São Paulo pelo União Brasil(UNIÃO)³, Arthur do Val, ex-deputado estadual de São Paulo pelo Democratas(DEM) e Fernando Holiday, vereador na Câmara Municipal de São Paulo pelo Patriota. O impacto desses atores na política através das redes pode ser verificado por seus números.

Até o último acesso a cada um dos perfis para a produção deste trabalho (09 de fevereiro de 2023), os que mais chamam a atenção são os do então deputado federal Kim Kataguiri (com mais de 900 mil seguidores) e oficial do MBL (com mais de 627 mil seguidores). Das mais de 20 mil publicações somadas por essas contas, destaca-se o uso em peso de recursos tipográficos, recortes de manchetes de reportagens, fotos de lideranças de esquerda - ou figuras populares/conhecidas que foram "catapultadas" para esse espectro político - e uma operação cuidadosa de filtros de cor e tratamento de imagem. Esses recursos são operados através de um trabalho de design, cuja intenção nítida não é de realizar uma crítica material, mas sim atacar qualquer figura ou pauta considerada "de esquerda" (desde o progressismo até a esquerda radical), pois não há uma preocupação com a realidade material do tema abordado.

Por exemplo, em 30 de janeiro de 2023, Kataguiri publicou um vídeo em seu perfil oficial para realizar uma denúncia de supostas cirurgias de redesignação sexual em crianças sendo realizadas em hospitais públicos. Como dito pelo deputado:

"Crianças estão fazendo cirurgia de mudança de sexo em hospitais públicos!
Crianças de 4 (quatro) anos de idade! Justamente pra criminalizar essa mudança

³ Câmara dos Deputados, Disponível em <<https://www.camara.leg.br/deputados/204536>> Acesso em 05/02/2023

de sexo antes dos 18 (dezoito) anos de idade que eu apresentei um projeto de lei, antes mesmo dessas cirurgias começarem, e eu peço ajuda de vocês pra gente aprovar isso imediatamente. Porque o que a ciência diz é que: a maior parte das crianças confusas em relação ao seu gênero têm essa confusão resolvida na puberdade ou com psicoterapia. Se mesmo assim, ela não se identificar com o sexo biológico, ela pode fazer essa cirurgia depois dos 18 anos de idade, quando ela tiver autonomia pra isso. Agora, não enquanto for criança ou adolescente!”

O frame que dá capa ao vídeo é composto por uma montagem com duas crianças. À frente delas, está, em letras garrafais, “MUDANÇA DE SEXO EM CRIANÇAS, JAMAIS!”. Ainda nesta publicação, Kim acrescenta na legenda “ABSURDO! Isso não pode ser levado como normal em nossa sociedade”. A postagem em si possui mais de 14 mil curtidas e 790 comentários. Porém, em evidente contradição ao que diz o deputado, as condutas e regulamentos para processos de redesignação sexual, seja hormonal ou cirúrgico, atualizados desde 2019, postulam que os processos cirúrgicos só podem ser realizados em indivíduos com idade maior ou superior a 18 anos. Como consta na Resolução CFM nº 2.265/2019:

“Cirurgias – Com relação aos procedimentos cirúrgicos de adequação para atender pessoas com incongruência de gênero, a Resolução nº 2.265/2019 estabeleceu que podem ser realizados apenas depois de 18 anos de idade, sendo exigido que o candidato tenha sido submetido anteriormente a, no mínimo, um ano de acompanhamento por equipe multiprofissional e interdisciplinar.”

A questão é que, diante da forma como se operam as redes e dos interesses políticos e econômicos do MBL e de suas lideranças - e dos designers que para eles trabalham -, pouco importa se as peças produzidas estão em dissonância com a realidade material. A partir de uma manipulação eficaz da imagem, de *inserts* de áudio e de elementos textuais que reforçam a necessidade de alerta, as publicações manejam mensagens no campo do simbólico, como: (a) a existência de uma verdade não contada, da qual o usuário precisa se atentar, (b) verdade essa capitaneada por um agente “outro” - “as esquerdas” ou comunidades com pautas que encontram voz nelas - e (c) que o sucesso de qualquer que seja essa ação inaceitável e deliberada deste “outro” significa, em última análise, o “fim do Brasil que se conhece”, convocando o leitor ou ouvinte a agir imediatamente. Também neste exemplo, mas não somente, ao não esclarecer os agentes citados (que hospitais e que crianças) em uma mensagem sintetizada, o conteúdo apresentado apela para o imaginário e os seus fantasmas, seus preconceitos. Cria-se pânico moral sobre populações historicamente marginalizadas no Brasil (aqui no caso, a

comunidade LGBTQIA+, em especial a população trans) que será capitalizado em popularidade, com auxílio do algoritmo, e em apoio político, através da identificação.

Sendo um exemplo de como o espaço virtual é capaz de influenciar processos eleitorais, os efeitos da capitalização política do MBL podem ser muito bem evidenciados nas eleições de 2018, nas quais apoiaram a candidatura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Elegendo uma bancada maciça de representantes e apoiadores - Kataguiri sendo o 4º deputado mais votado do período -, a organização chegou a repensar formas de atuação nas instituições democráticas, considerando a possibilidade de criar um partido (Folha de S. Paulo, 2018)⁴.

Como vimos, o Movimento Brasil Livre, mesmo que não se coloque abertamente como construtor de um ideário fascista, inegavelmente usa de uma retórica fascistizada que ressoa com os setores mais conservadores, mais reacionários e mais violentos da extrema-direita. Na última gestão do governo federal, representantes eleitos da organização migraram em massa para o partido Patriota. Conservador e com pauta econômica ultraliberal, a sigla foi a segunda mais fiel aos projetos do governo para a câmara, ranqueando uma aderência maior, inclusive, que o Partido Social Liberal (PSL), do próprio ex-presidente (Congresso em Foco, 2022)⁵.

Entretanto, por mais que o peso simbólico de suas publicações e como elas se relacionam com atuações no real sejam cruciais para entender como a rede e o material estão interligados nos processos de fascistização do espaço, cujas interações o designer terá o papel de mediar, esse mesmo simbólico não é o suficiente para explicar como organizações como o MBL passaram de um quase anonimato em 2013 para a condição de representar pautas ultraliberais materialmente e com uma presença constante na vida dos brasileiros.

⁴ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/apos-eleger-uma-bancada-mbl-rediscute-atuacao-e-cogita-partido.shtml>> Acesso em 05/02/2023.

⁵ Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/blogs-e-opinioao/blog-do-sylvio/patriota-psl-e-pp-sao-os-partidos-mais-leais-a-bolsonaro/>> Acesso em 06/02/2023.

Mesmo que o foco deste trabalho esteja em tratar a disputa do simbólico, ignorar a origem material seria desprezar a base que tornou a ocupação da extrema-direita possível. Significa, em outras palavras, que a conquista política que ela simboliza se deu quase que ao acaso, que organizações como o MBL têm sua pugência por terem vencido dentro de um "livre mercado de ideias". A verdade é que estas instituições privadas possuem grandes aportes financeiros do empresariado nacional e internacional, estando dentro de uma categoria que têm ganhado atenção do debate acadêmico mais atual. Tratam-se dos *think tanks* (TTs).

3. COMO A FASCISTIZAÇÃO DO ESPAÇO SE FAZ POSSÍVEL PARA ALÉM DA DISPUTA DO SIMBÓLICO: O EXEMPLO DOS THINK TANKS E DO MBL

A discussão a respeito do tema no Brasil ainda é muito incipiente, mas uma boa forma de entendê-lo é se debruçando também sobre seu significado literal. O termo *think tank*, em inglês, pode ser traduzido como tanque de pensamentos, de ideias, viveiro de ideias ou centro de pensamento. Para este trabalho, quando nos referimos a eles, estamos falando de organizações institucionalizadas que visam influenciar opinião e política públicas a partir da produção de material intelectual, como artigos, vídeos, produções de arte e livros - os quais podem ser vistos também como produtos de design - e da formação de lideranças (MEDVETZ, 2008, apud DE MATTOS, 2015, e DE MORAES, 2013). Medvetz, segundo Hauck (2015, p.29), tem um dos estudos mais arrojados a respeito tanto da conceituação quanto da forma de operação dessas instituições, sinalizando que muitas vezes essa descrição abrangente não é capaz de dar cabo das minúcias das atuações de cada uma dessas empresas. Como elencado pela autora, para ele:

“[Os TTs] devem ser analisados não como organizações de um tipo inteiramente novo e distinto, mas como uma rede constitutivamente nebulosa de organizações, divididas internamente entre si pelas lógicas opostas da academia, política, economia e produção midiática. É através dessa nebulosidade – e das liberdades e flexibilidades que essa qualidade provê – que os think tanks exercem uma influência sutil, mas profunda na política (Medvetz, 2013, p. 01, apud Hauck, 2015, p. 59).

Para dar fio às observações elencadas por Hauck, é preciso antecipar um outro tensionamento. Nem todos os TTs são necessariamente organizações de direita. A questão é que, na sociedade burguesa a qual fazemos parte, os meios de produção que podem dar o aporte financeiro ou investir na formação desses grupos estão nas mãos da burguesia. Sabendo da capacidade que essas instituições têm de penetrar de forma sutil na política, visto seu histórico na geopolítica global e em assuntos de guerra (STONE, 2007), a classe burguesa investe consciente de que o *think tank* funcionará como uma espécie de rebento genético de seus interesses de manutenção da ordem capitalista. Não à toa, estes costumam se identificar como conservadores ou liberais, tendo como valores e pauta o liberalismo, a defesa das liberdades individuais e a autonomia do indivíduo em relação ao Estado.

Dentro dessa perspectiva e retomando o destaque de Hauck, na prática, essa configuração faz com que um TT atue como uma espécie de academia “clandestina”. Aproxima-se da forma de apresentação e dos jargões acadêmicos, mas distancia-se do rigor da produção, onde a não execução de uma revisão de pares e da inexistência de um comitê de ética que julgue e execute os pareceres cabíveis, geralmente resulta em produções com pouco embasamento, ou que reproduzem determinados preconceitos de raça e classe justificados como “conteúdo científico”. Além disso, diante da possibilidade de formação de lideranças e tendo em vista a capacidade que essas produções têm de influenciar decisões a respeito de políticas públicas, os TTs também funcionam como “partidos paralelos”, que não precisam lidar diretamente com nenhuma forma pleito e, muito menos, com algum eventual contrapeso do Estado.

Apesar de não ser a intenção desse estudo realizar uma dissecação profunda do tema, é válido trazer à tona alguns detalhes da trajetória do Movimento Brasil Livre, mostrando como ela sintetiza e exemplifica muito bem as colocações feitas até agora.

A origem do MBL está relacionada a uma rede de *think tanks* chamada *Atlas Network*. Fundada em 1981, a rede é composta por mais de 500 TTs, concentrando 100 deles apenas na América Latina e no Caribe. Uma reportagem intitulada “A nova roupa da direita”, publicada em 2015 pela agência de jornalismo investigativo A Pública, trouxe à tona as ligações do Movimento Brasil Livre com a rede

multimilionária e outros representantes da burguesia internacional (A Publica, 2015). Como bem enfatizado por Amaral (2016):

“[...] a reportagem revelava que o MBL havia sido gerado por uma rede de fundações de direita sediada nos Estados Unidos, a Atlas Network, da qual fazem parte onze organizações ligadas aos irmãos Koch, como a Charles G. Koch Charitable Foundation, o Institute of Human Studies (IHS) e o Cato Institute. Em duas décadas, essas fundações haviam despejado 800 milhões de dólares na Atlas Network, conforme informações obtidas na série de Formulários 990 entregues ao IRS (a Receita Federal americana). Isso sem contar as despesas com os fellowships e os cursos para formação de lideranças de estudantes, principalmente da América Latina e da Europa Oriental, nos Estados Unidos, realizados em parceria entre a Atlas e as fundações “liberais ou libertárias” que compõem a rede.” (AMARAL, 2016)

Uma das instituições apoiadas pela rede é a *Students for Liberty* (SFL), que criou a instituição Estudantes Pela Liberdade (EPL) em 2012, quando representantes brasileiros foram incluídos na organização. Durante as Jornadas de Junho, interessados em participar das manifestações nas ruas, o grupo adotou a marca fantasma “Movimento Brasil Livre”, com Kim Katagiri representando o rosto do grupo. Além do aporte financeiro que recebiam da rede de TTs até então, em 2016, ano que a instituição ampliou sua atuação para se colocar em peso a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, o MBL também teve eventos patrocinados por setores expressivos da burguesia nacional, como a Fundação Lemann.

Em suma, o que o exemplo da *Atlas Network* e do MBL e as discussões propostas nos dois primeiros capítulos deste trabalho nos indicam a respeito do ciberespaço e do ofício do designer em tempos de ascensão gradual do fascismo? Que se, por um lado, a retórica e o discurso fascistizados das produções de representantes do liberalismo e da extrema-direita conseguem ressoar com os imaginários de um povo em um tempo, eles só são capazes de fazê-lo porque também estão organizados sobre extensas formas de financiamento do empresariado burguês, diante da capacidade de tornar interesses antagônicos aos da classe trabalhadora atendidos. Denota também que seu sucesso depende dessa leniência, dessa permissividade, com a qual o Estado liberal-burgues têm ao lidar com o fascismo. Assim sendo, quando se trata das redes sociais, o constante aceleração que não é acompanhado por uma regulação que pauta os direitos humanos e o coletivo e que

torna possível a fascistização não pode ser encarado como um acaso. É sim um projeto, com o qual os designers, enquanto mediadores das experiências do espaço, precisam lidar rotineiramente. Seu sucesso ou fracasso significa, sobretudo, uma conquista política.

Essas colocações reforçam a necessidade e possibilidade do design de atuar no real e no simbólico. Não se espera, nesse sentido, superar a discussão a respeito do papel do profissional designer no meio digital, mas sim de apontar possibilidades de construção enquanto mediador dos espaços e do mundo. É pertinente buscar o que vem sendo produzido como forma de resistência e avanço das pautas progressistas. Para tanto, lançaremos um olhar sobre a produção do Movimento Design Ativista (#designativista), elencando seu histórico, as justificativas da escolha pra este trabalho e sua produção em si.

4. O MOVIMENTO DESIGN ATIVISTA – DA RESISTÊNCIA AO AVANÇO

A escolha de um movimento que pauta o progressismo de alguma forma para realizar a comparação que propomos aqui não é exatamente fácil. No Brasil, há diversos perfis de coletivos conhecidos que têm pleiteado posições relevantes no debate público sobre a realidade brasileira e que fazem frente ao discurso da extrema-direita. Alguns exemplos são o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Movimento Olga Benário.

Nesse sentido, visto que o objetivo deste trabalho também inclui uma discussão a respeito do trabalho o designer em específico, a escolha pela análise das obras do Movimento Design Ativista (#designativista) se deu seguindo a partir do preenchimento de todos os critérios a seguir: (1) Um movimento cujo início e propulsão se deu principalmente pelas redes sociais; (2) Que aborda temas da realidade brasileira a partir de uma ótica progressista ou de esquerda radical, se opondo ao discurso liberal e de extrema-direita; (3) Cuja organização se dá de forma inovadora e com objetivo de se comunicar com a classe trabalhadora; (4) Que fosse

composto principalmente por trabalhadores que trabalham com design ou de áreas correlatas.

Como bem elencado pelo Relatório do Grupo Brasil, do projeto *Ciberactivismo, Ciudadanía Digital y Nuevos Movimientos Urbanos - CITYCOM* (GARROSSINI, et al., 2020), na época de sua fundação, em 2016, o Movimento Design Ativista se identificava apenas pela hashtag #designativista e não era declarado um movimento. Se projetando também no Twitter, mas principalmente pelo Instagram, contava com uma distribuição de aproximadamente 4000 produtores independentes não hierarquizados e que possuíam pautas comuns, centradas no progressismo e na oposição ao discurso de extrema-direita que vinha crescendo e se naturalizando no Brasil. Até a última verificação feita por este trabalho, realizada em 09 de fevereiro de 2023, é pertinente dizer que a rede de produtores vem crescendo lentamente. Atualmente, contam com um perfil na rede social (@designativista), onde curam e republicam os *posts* feitos com a hashtag, acumulando quase 3000 publicações. O grupo de designers ainda conta com encontros virtuais e presenciais periódicos, com objetivos de debate e formação teórica e prática aberta para os interessados.

Para realizar a discussão final deste trabalho, a partir da comparação proposta nos objetivos, selecionamos 3 perfis (@milqf, @marianacorteze e @peveazevedo) que produzem para o Movimento Design Ativista, com base nos apontamentos do relatório de Garrossini, et al. (2020). Formulamos, a partir disso, 3 quadros que nos ajudarão a evidenciar tanto a evolução das publicações quanto os contrastes entre as produções de caráter progressista e as de extrema-direita, no que se refere às suas operações no campo do simbólico. Seguem os quadros, de acordo com os perfis nas páginas a seguir:

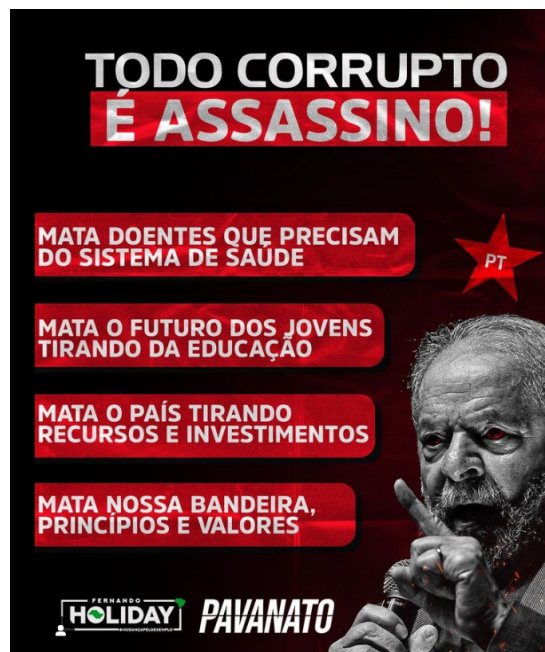
Quadro 01 - comparação com base nas obras do perfil @milqf

2020

2022



Produções de extrema-direita em período similar:



Quadro 02 - comparação com base nas obras do perfil @marianacortezze

2020

2022



Produções de extrema-direita em período similar:



Quadro 03 - comparação com base nas obras do perfil @peveazevedo

2020

2022



Produções de extrema-direita em período similar:



Apesar das peças divulgadas pela extrema-direita escolhidas para essa análise virem dos perfis do MBL já mencionados por este trabalho, não é possível verificar quem são os profissionais por trás de suas confecções. Também não podemos concluir se estes sequer se colocam como designers. Mas a questão é que, para a discussão que queremos trazer aqui, a identificação pessoal nesse caso importa muito pouco. Na prática, independente de como se identificam e que abordagens utilizam, atuam como agentes produtores dessas mensagens, como mediadores dos usuários e dos afetos políticos que materializam pela linguagem da imagem. Tendo isso dito, a própria forma como as produções de linha progressista do Movimento Design Ativista se diferenciam das demais pelas escolhas estéticas já torna nítido diferentes jeitos que estas têm de atuar no simbólico.

Em 2020, é notável que os trabalhos divulgados no Movimento Design Ativista se ocuparam recorrentemente com a denúncia da não-gestão do governo de Jair Bolsonaro com relação a pandemia de Covid-19. Parafraseando atitudes e posicionamentos do próprio ex-presidente, que por diversas vezes minimizou e fez troça à situação calamitosa do país (Folha de S. Paulo, 2021)⁶, as mensagens traduzem uma crítica material explícita à política de morte tocada pelo chefe de Estado na época. Nesse sentido, a delação e a crítica que compoem essas obras sinalizam e materializam no espaço virtual uma posição de solidariedade e, sobretudo, de resistência da classe trabalhadora.

Em 2022, porém, uma mudança muito relevante para esse estudo pode ser visualizada nas obras dos colaboradores. É fato que as críticas ao governo fascista de Bolsonaro não deixaram de ser pautadas, mas a aderência organizada à campanha pela vitória de Luís Inácio Lula da Silva nas eleições deu lugar também a materialização de outros afetos potentes, como a esperança. Ao desnudar as contradições do bolsonarismo e jogar luz sobre outras formas de futuro mais digno, a práxis dos designers contribui pra evidenciar um marco sem o qual a mediação e realização de novas possibilidades – seja no real ou no ciberespaço – são

⁶ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>>, Acesso em 06/02/2023.

impossíveis: a passagem de um trabalho de resistência para outro centrado no avanço das pautas coletivas.

É pertinente dizer que essa perspectiva encontra ainda limites claros na realidade material, dado o que foi brevemente discutido no terceiro capítulo deste trabalho. Contudo, diante do que tem sido produzido até aqui, não se pode dizer que ela é impossível.

O que a mudança da resistência para o avanço das pautas nos diz? Ela nos indica, sobretudo, que a classe trabalhadora pode estar disposta a se organizar em torno de novas possibilidades de sociabilidade, tanto no virtual quanto no real, desde que sejam capazes de se verem nessa outra realidade a ser contruída historicamente. O designer, tendo a capacidade de mediar e projetar o caminho em direção – ou em oposição – a ela, tem o ofício invariavelmente político de fazer parte dessa construção, não somente através do ciberativismo, mas também por ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso esteve em trazer a baila uma discussão sobre o papel político do designer na contemporaneidade brasileira, com uma atenção voltada especialmente para o espaço virtual, as redes sociais e o ciberativismo, haja vista que temos nos encontrado vulneráveis aos fascismos do nosso tempo.

Partindo também de um aprofundamento a respeito de como se constitui o espaço virtual, o olhar sobre a atuação do Movimento Design Ativista nos anos de 2020 e 2022 frente a naturalização dos discursos de extrema-direita contribui para evidenciar o caráter mediador da atuação do designer. Este último, também enquanto parte do ambiente que ajuda a projetar, pode trabalhar pela aproximação ou afastamento de diferentes futuros possíveis, a medida que materializa, pela imagem, o campo do simbólico e dos afetos.

Presando por uma base de análise materialista, é preciso considerar que o manejo e o efeito concreto no imaginário também só se faz possível através de uma base material. Justamente por nos concentrarmos um pouco mais em elementos superestruturais, outras pesquisas que procurem se aprofundar tanto nestes elementos quanto nas bases materiais (como origem e financiamento) que vêm tornando a expansão e naturalização do ideário fascista possíveis são sugeridos.

A partir de uma perspectiva de design, também se sugere o aprofundamento a partir de estudos sobre organizações como os *think tanks* e como elas têm operacionalizado produtos de design para atender interesses privados.

REFERÊNCIAS

Agência Brasil de Comunicação, WhatsApp é principal fonte de informação do brasileiro, Acesso em 30/12/2022, Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-d-e-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa?amp>>, 2019.

AMARAL, M. Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment. In: Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. Ed. Boitempo, São Paulo, 2016.

BERARDI, F. Depois do Futuro. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BONSIEPE, G. Design, Cultura e sociedade. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2011.

DE MATTOS, F. Fundações Partidárias e think tanks no Brasil: uma proposta de análise. 6º Seminário Nacional de Sociologia & Política, Curitiba, 20 a 22 de maio, 2015.

DE MORAES, T. Os think tanks brasileiros em perspectiva: características gerais, apontamentos conceituais e possibilidades de pesquisa. XVII Simpósio Nacional de História, Natal RN, 22 a 26 de julho, 2013.

DEGRAS, J. The Communist International (1919-1943 Documents). Volume III: 1929-1943, 1964. p.296, 2013.

Folha de S. Paulo, Após eleger uma 'bancada', MBL rediscute atuação e cogita partido, Acesso em 05/02/2023, Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/apos-eleger-uma-bancada-mbl-rediscute-atuacao-e-cogita-partido.shtml>>, 2018.

Folha de S. Paulo, Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi, Acesso em 06/02/2023, Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>>, 2021.

GARROSSINI, D. F.; SANTOS, F. A. ; DAROIT, D. ; NASCIMENTO, R. M. ; MENEGUZZO, L. C. . Relatório do Grupo Brasil.Ciberactivismo, Ciudadanía Digital y Nuevos Movimientos Urbanos - CITYCOM. 2020. (Relatório de pesquisa).

GRESPLAN, J. Marx, uma introdução. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.

HARVEY, D. O Neoliberalismo: história e implicações. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, p. 39-44, 2014.

HAUCK, J. Think Tanks: Quem São, Como Atuam e Qual seu Panorama de Ação no Brasil. Belo Horizonte, p.1 - 59, 2015.

KERTZER, David I. O papa e Mussolini: a conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

KONDER, L. Introdução ao Fascismo. 1. ed. São Paulo: Editora Graal, 1977.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Volume I, 1867. 2. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

MOROZOV, E. Big Tech: A Ascensão dos Dados e a Morte da Política. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PORTINARI, D; CAETANO, P. Por um design político. Estudos em Design. v. 24, n. 3, p.32 – 46, 2016.

ROCHA, J. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. 1. ed. Goiás: Editora Caminhos, 2021.

The New York Times, How YouTube Radicalized Brazil, Acesso em 01/02/2023, Disponível em <<https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html>> , 2019.